

Para quem vai o voto das satélites?

GONZAGA MOTTA

As eleições do dia 15 são as primeiras de Brasília e, por isso mesmo, além da disputa eleitoral, há uma enorme curiosidade em saber como se comportará o eleitor do Distrito Federal. Esta curiosidade é ainda maior em relação ao voto dos eleitores das cidades-satélites porque a maioria das atividades políticas no DF até agora se concentrou no Plano Piloto.

Haverá surpresas em relação ao voto das satélites? O eleitor da periferia de Brasília vai votar na oposição? Votará em candidatos com maior visibilidade, cedendo aos apelos da volumosa propaganda eleitoral? São perguntas a que só as urnas responderão.

Mas, há indicadores das prévias eleitorais que permitem alguns prognósticos. O primeiro deles é que enquanto o PMDB é disparado o partido mais forte na eleição para o Senado Federal com 43.9% dos votos contra 22.7% do PFL, segundo colocado, o PFL ganha as eleições para a Câmara dos Deputados em Brasília, com 22.3% contra apenas 19.1% do PMDB, segundo a última pesquisa da LPM.

Estes dados são importantes para uma comparação entre a intenção de voto no Plano Piloto e nas cidades-satélites. Segundo a prévia da LPM, o PMDB é mais popular do que o PFL, seu maior rival, no Plano Piloto, onde ganha disparado para o Senado (42% contra 17.5%) e onde tem maioria mesmo nas eleições para a Câmara (15.4% contra 11.2% do PFL). Mas, em algumas cidades-satélites, como Taguatinga e Gama, o

“
O PMDB é bem mais popular que o PFL no Plano Piloto. Mas em algumas satélites o PFL tem mais votos.”

PFL tem muito mais votos do que o seu rival nas eleições para a Câmara.

Por que ocorre isto? A explicação parece estar no fato de que o eleitor das cidades-satélites de Brasília, onde os partidos políticos só começaram a penetrar nas vésperas da eleição, preferir votar em nomes já conhecidos, desprezando as preferências político-partidárias.

Assim, os nomes mais votados nas satélites para a Câmara são ex-administradores regionais, como Valmir Campelo e Maria de Lourdes Abadia, ou ex-secretários de Governo como Jofran Frejat e Eurides Brito, todos do PFL. São candidatos já conhecidos dos eleitores. A posição ideológica deles parece importar menos do que a familiaridade dos seus nomes. O eleitor parece preferir um candidato do qual já sabe alguma coisa do que jogar no escuro. A campanha, neste caso, estaria tendo apenas um efeito secundário, reforçador de preferências familiares.

Os dados relativos aos candidatos mais votados do PMDB também confirmam este prognóstico. A candidata mais votada deste partido é Márcia Ku-

bitschek, um nome pouco conhecido dos eleitores do DF antes das eleições mas, que traz a lembrança de Juscelino, a quem os candangos estão afetivamente ligados. Na última prévia da LPM, Márcia não teve nenhum voto no Plano Piloto, mas teve 16.7% da intenção de voto em Brazlândia e outros 16.7% no Paranoá, lugares de população de baixa renda.

A conclusão é que os eleitores das cidades-satélites vão votar muito mais fisiologicamente do que ideologicamente. A preferência deles é por nomes conhecidos, por candidatos familiares que tiveram com eles uma relação paternalista ou assistencialista, que no passado ofereceram algum tipo de benefício material.

O PT por exemplo, que pretende ser um partido “puro” ideologicamente, tem muito pouca penetração nas satélites. Se por um lado ele conseguiu 16.1% das intenções de voto para o Senado entre os eleitores do Plano Piloto (devido a performance de Lauro Campos nesta área) segundo a prévia da LPM, na maioria das satélites ou vilas da periferia, como no Paranoá, onde o PT sequer aparece, e como no Gama, onde ele só conseguiu 1.6% da intenção de voto, este partido continua sendo um ilustre desconhecido. Se não lançar nomes familiares aos moradores do lugar, pouco importa a ideologia do partido ou a posição política do candidato. O eleitor das satélites vai votar em quem já conhece.

Gonzaga Motta é professor de Comunicação na Universidade de Brasília